

## **A história, a memória e o sentido: um estudo das explicações de estudantes oriundos da rede pública paulista a respeito da independência do Brasil (2011 - 2013).**

DANIEL VIEIRA HELENE\*

"A descoberta do Brasil foi uma invenção do século XIX", declara Jorge Coli no início de seu texto sobre a Primeira Missa no Brasil (1861), de Victor Meirelles. E prossegue:

*Ela resultou das solicitações feitas pelo romantismo nascente e pelo projeto de construção nacional que se combinavam então. (...) Os responsáveis essenciais encontravam-se, de um lado, no trabalho dos historiadores, que fundamentava cientificamente uma 'verdade' desejada, e, de outro, na atividade dos artistas, criadora de crenças que se encarnavam num corpo de convicções coletivas. (...)*

*O quadro de Victor Meirelles, retratando a Primeira missa no Brasil, tal como foi descrita na carta de Pero Vaz de Caminha, é um episódio muito expressivo dentro desses processos. Ele fez, em grande parte, com que o Descobrimento tomasse corpo e se instalasse de modo definitivo no interior de nossa cultura. (COLI, 1998: 107)*

Em outro texto, o mesmo autor destaca que:

*Meirelles atingiu a convergência rara de formas, intenções e significados que fazem com que um quadro entre poderosamente em uma cultura. Esta imagem do descobrimento dificilmente poderá vir a ser apagada ou substituída: ela é a primeira missa no Brasil. (COLI, 2003: 22)*

Coli destaca a articulação entre um determinado contexto de produção artística e um projeto, o qual chama de "projeto de construção nacional". É possível sublinhar que a criação do Estado antecedeu à tessitura da identidade nacional (JANCSÓ, 1996; CARVALHO, 2008; KANTOR, 2011): o Estado brasileiro não parte da identidade nacional para instituir-se, mas antes institui tal identidade nacional - tanto valendo-se da força, como também por meio de batalhas que se travam no universo das ideias e do imaginário.

É neste segundo campo de batalha (o simbólico) que importa compreender os esforços do Estado no sentido de constituir, por exemplo por meio da Academia Imperial de Belas

---

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

2

Artes, formas de dar suporte ao trabalho criativo de artistas e cientistas que, vinculados a determinadas tradições artísticas acadêmicas europeias, pudessem traduzir em boas telas o que viria a configurar a imagem da nova nação (SCHWARCZ, 2010; e PRADO, 2007).

É intencional o uso do singular neste caso, ainda que não estejamos tratando de apenas uma imagem, em sentido literal. São várias as telas (e portanto *as* imagens) que diferentes artistas criaram, no Brasil e na América Latina, ao longo do século XIX. No entanto, importa reconhecer que esses artistas, em cada realidade nacional específica, disputaram a autoria da imagem a representar de forma mais acabada a nova nação. Pedro Américo e Victor Meirelles são provavelmente os máximos expoentes dessa disputa, que se realizando âmbito da construção de telas e imagens. E não apenas neste âmbito. Dado o papel preponderante que a pintura de História assume nesse momento histórico, tal batalha se configura também como uma disputa no universo da memória. Se a pintura de História, no contexto das Academias de Arte do século XIX, e principalmente depois de David (STAROBINSKI, 1989), assume papel preponderante nas batalhas em torno do imaginário, isso ocorre porque ela articula o discurso nacional a um passado, rememorado como solidário a esse discurso (COLI, 2007).

Sem utilizar o termo *projeto* para tratar dessas mesmas questões, Maria Ligia Coelho Prado, destaca que: "Na segunda metade do século XIX, na América Latina, pintura histórica e nação se entrelaçam de maneira exemplar. Arte e política estabelecem diálogos constantes em torno da questão da construção de identidades nacionais." (PRADO, 2007: 149).

Prado investiga comparativamente duas telas, *Independência ou Morte!* e *El Juramento de los Treinta y Tres Orientales*, e seus dois pintores, respectivamente Pedro Américo e Juan Manuel Blanes. As telas representam, ambas, momentos fundacionais do Brasil e do Uruguai e, apesar de próximas devido a essa característica, mostram-se na análise da autora substancialmente diferentes em relação aos imaginários políticos que acionam e mobilizam: uma, a tela brasileira, se relaciona ao imaginário da Monarquia, enquanto a outra mobiliza símbolos e signos de um imaginário republicano (PRADO, 2007: 163-164)<sup>1</sup>.

A mesma autora ainda destaca uma característica das obras de pintura de História do século XIX que nos parece decisiva: de acordo com a encomenda, as "Imagens e símbolos numa tela representavam os acontecimentos históricos que deveriam ser compreendidos pelo público ao primeiro golpe de olhar" (PRADO, 2007: 151). Ou seja, as obras precisavam acionar um sistema simbólico que fosse compartilhado, reconhecido, pelo público. Nesse

---

<sup>1</sup> Desde uma perspectiva mais teórica, remetemos o leitor a "*Collective Memory and Cultural History*", de Jan Assmann, especialmente no que tange às formas objetivadas de cultura e sua relação com a memória coletiva e as identidades culturais. Assmann conclui seu artigo com algo que nos interessa aqui: "*Through its cultural heritage a society becomes visible to itself and to others. Which past becomes evident in that heritage and which values emerge in its identificatory appropriation tells us much about the constitution and tendencies of a society*" (ASSMANN, 1995: 133).

<sup>3</sup> sentido, o que nos parece mais relevante destacar é que essas obras se tornavam possíveis num contexto em que certo código simbólico as autorizava e, por sua vez, elas também passavam a instituir novamente (ou, talvez, até mesmo novos) imaginários sociais<sup>2</sup>.

*Independência ou Morte!*, de Pedro Américo, obteve pleno sucesso nessa empreitada, ainda que tenha ficado distante do público por mais de seis anos desde que fora concluída, em 1888. Representando ideais caros à Monarquia brasileira, paradoxalmente o quadro só passou efetivamente a existir no período republicano, o que acalorou debates intensos em torno de ser Pedro Américo um defensor da Monarquia ou da República. Desde então, porém, passou a ser, como afirma Cecília Helena de Salles Oliveira, "sem sombra de dúvida, a representação iconográfica mais divulgada do episódio de 7 de setembro de 1822" (MATTOS & OLIVEIRA, 1999: 63).

Nas escolas, a reprodução da tela figura em incontáveis obras didáticas. Pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a última vez em que os professores do Ensino Médio receberam coleções didáticas na escola para realizarem sua análise foi no ano de 2011, quando escolheram livros com os quais pretendiam trabalhar a partir de 2012. Das coleções enviadas pelas editoras para as escolas com o fito de serem analisadas pelos professores nesta última leva, escolhemos uma amostra aleatória. Reunimos nessa amostra oito títulos diferentes.

Das oito coleções, seis trazem a reprodução da tela de Pedro Américo, o que atesta a afirmação de Cecília Helena de Salles Oliveira quanto a sua divulgação. Dessas seis, três apresentam apenas (ou destacadamente) a obra *Independência ou Morte!* como "ilustração" do 7 de setembro de 1822<sup>3</sup>. Entre as mesmas seis coleções, há outras três que apresentam-na em associação à obra *Proclamação da Independência* (1844), de François-René Moreaux<sup>4</sup>. Estas tendem a propor que os alunos reflitam sobre os diferentes discursos acerca da independência que cada uma das telas propõe. Há uma coleção, entre as oito consultadas, que

---

<sup>2</sup> Também a respeito disso, merece ser conhecida a "perspectiva construtivista" no trabalho com a memória coletiva, tal como a explica Michael Pollak. No artigo já citado, p. 4.

<sup>3</sup> 1) VAINFAS, FARIA, FERREIRA e SANTOS, 2010; 2) FERREIRA e FERNANDES, 2010; e 3) PEDRO e LIMA, 2010.

<sup>4</sup> 1) FARIA, MIRANDA e CAMPOS, 2010; 2) NOGUEIRA e CAPELLARI, 2010; e 3) PELLEGRINI, DIAS e GRINBERG, 2010.

4

apresenta apenas a reprodução da tela de Moreaux (VICENTINO e DORIGO, 2011); e ainda uma outra coleção que não apresenta nem uma, nem outra (MORENO e VIEIRA, 2011).

Chama a atenção a *forma* como as imagens são apresentadas, ou seja, como ilustração<sup>5</sup>. Cada vez mais as coleções didáticas brasileiras estão repletas de imagens. Ainda que seja preciso distinguir entre texto didático e texto acadêmico, especialmente quanto a seus fins e a seus métodos de composição<sup>6</sup>, chama a atenção a pouca frequência com que as imagens dos livros didáticos de História são tratadas como documentos históricos. Todas as vezes em que *Independência ou Morte!* (e também a tela de Moreaux) aparece nos livros didáticos consultados, isso acontece precisamente no capítulo dedicado à independência. Nenhuma vez, nessas oito diferentes coleções, a tela de Pedro Américo aparece reproduzida no capítulo dedicado à crise da Monarquia ou aos acontecimentos do último quartel do século XIX, quando a obra foi encomendada, concebida e finalizada. Tampouco a tela de Moreaux é em alguma das coleções reproduzida no capítulo dedicado ao segundo reinado.

É possível afirmar, portanto, que as coleções não apresentam *Independência ou Morte!* como uma representação da declaração de independência do Brasil, feita no final do século, mas como a efetiva tradução pictórica da independência. O fato de ilustrar o capítulo sobre a independência já bastaria para essa construção, mesmo que a imagem viesse acompanhada de uma legenda que a situasse historicamente 66 anos depois do fato. Parafraseando Jorge Coli, a tela de Pedro Américo é a independência do Brasil, em muitas dessas coleções didáticas.

Esta obra instalou-se no imaginário nacional não apenas no final do século XIX, mas notadamente dos dias atuais, como o fiel retrato da independência. Nesse sentido, ela possivelmente ajuda a construir a memória coletiva em torno da independência do Brasil, que toma esse processo não como uma sucessão complexa e intrincada de fatos, interesses e sujeitos, mas como um único acontecimento: *a independência ocorreu em 7 de setembro de*

---

<sup>5</sup> Não pretendemos fazer um estudo histórico dos livros didáticos de História no Brasil. Nem é nosso objetivo efetuar um aprofundado estudo das coleções didáticas. Outros pesquisadores têm feito isso. No entanto, gostaríamos de deixar aqui registrado que a prática da ilustração de capítulos de livros didáticos com documentos históricos de outras épocas não é recente. O livro História do Brasil para o quarto ano ginásial, de Joaquim Silva, já o fazia na década de 1940. Trata-se de um manual muito usado nas escolas brasileiras de meados do século passado. À página 24, em meio ao capítulo dedicado ao "Descobrimiento do Brasil", a tela *Elevação da Cruz em Porto Seguro*, de Pedro Peres, aparece como ilustração do texto. Mais adiante, *Batalha dos Guararapes*, de Victor Meirelles, ilustra o capítulo "Os Holandeses no Brasil".

<sup>6</sup> Da mesma forma como é necessário distinguir entre conhecimento histórico acadêmico e conhecimento histórico escolar, sem que necessariamente se estabeleça uma hierarquia entre eles (CARRETERO, 2007).

5

1822 e foi um acontecimento levado a cabo apenas por D. Pedro, príncipe-regente de Portugal - que seria ainda o primeiro imperador do Brasil.

Em outras palavras - e isto é uma importante hipótese da nossa pesquisa - não figuram nos livros didáticos brasileiros de História os embates do século XIX em torno da criação da mais competente imagem da nação, indissociavelmente ligada à construção de memórias sobre acontecimentos históricos determinantes. Em vez disso, imagens que participaram dessas disputas são ali reproduzidas como ilustrações e, com isso, ainda hoje, tais imagens terminam por sustentar a construção e reconstrução de memórias coletivas (de cunho sobretudo escolar?) em torno de acontecimentos e processos históricos. Em que extensão essas memórias, que são explicações, fazem sentido para os estudantes e, desta forma, passam a se configurar como as *explicações deles* para os processos históricos? São estas explicações passíveis de serem substituídas por outras, oferecidas pelos professores em seu trabalho didático<sup>7</sup>?

Em junho de 2011 demos início a uma sequência didática tratando do processo de independência do Brasil. Para iniciá-la, os alunos (todos do Centro de Estudos Acaia Sagarana, egressos de escolas públicas da Rede Estadual de São Paulo) deveriam responder por escrito a uma demanda relativamente simples: "Escreva um texto que conte a independência do Brasil, tal como você a conhece / estudou / ouviu falar". Importante esclarecer que o objetivo desta atividade não era promover uma anamnese precisa a respeito de como os alunos estudaram a independência. A atividade com a qual tinham de se haver pretendia investigar qual a imagem que ficou consolidada da independência, seja por meio da escola, seja por outros meios. Em outras palavras, não se está analisando a escola de onde cada aluno veio, mas os próprios alunos, ou melhor, suas representações. 34 alunos assistiram à aula nesse dia e realizaram a atividade.

Deste conjunto, algumas respostas chamam nossa atenção por destacarem muito enfaticamente que não saberiam responder precisamente, evidenciando um certo constrangimento com o que percebem como sendo um não-saber seu, em alguns casos concebido como uma "falta"<sup>8</sup>:

---

<sup>7</sup> Esta pergunta se assenta fundamentalmente sobre os escritos de José Antonio Castorina, em torno das representações sociais.

<sup>8</sup> Todas as transcrições de respostas de alunos são literais e trarão os erros de ortografia, pontuação etc. que eles tiverem registrado. Esquivamo-nos, dessa forma, do uso reiterado de "sic" nas transcrições.

*"Não recordo-me do ocorrido. Independência ou morte. Dom Pedro (I ou II)." (Ma)*

*"A Independência do Brasil aconteceu em 7 de setembro de 1822 quando D. Pedro nas margens do rio Ipiranga proclamou a independência com seu "grito": Independência ou morte. Brasil deixou de ser colônia para ser um país independente.*

*obs: Sinceramente não me lembro de mais nada, pois sempre foi muito difícil entender história, por parte dos professores e por parte minha, porque nunca tive incentivo para estudar (sei que isso não é desculpa!)" (Gs)*

*"O que estudei sobre a história do Brasil foi algo muito raso, não tenho uma lembrança nitida desse conteúdo, a única coisa que lembro e seria vergonhoso não saber é que no dia 7 de Setembro de algum ano, Pedro A. Cabral proclamou independência ou morte entre as margens do rio Ipiranga." (Ra)*

*"Bom, já que é para ser sincera eu não lembro de praticamente nada, tenho vagas lembranças sobre o assunto. Se não me engano, a independência do Brasil foi declarada com o grito de guerra "Independência ou morte", dado por D. Pedro (I ou II, não lembro ao certo). A data?... 07 de setembro." (Mi)*

Outros casos nos chamam a atenção por outras razões:

*"A independência do Brasil foi declarada em 1822 por D. Pedro I." (Fe)*

*"Dom Pedro II, declarou a independência às margens do Rio Ipiranga, no dia sete de setembro, com a frase (ele berrou, acho) "Independência ou morte!" e é tudo que eu sei." (Io)*

O que esses exemplos parecem atestar é que, quando reduzida ao essencial, a memória que evocam sobre a independência (o conhecimento que declaram ter sobre ela) parece não conseguir escapar: 1) do registro de que quem fez a independência foi um herói, Pedro<sup>9</sup>, 2) da data (ao menos o ano), 3) do gesto: o "grito" de "independência ou morte", e 4) das margens do Ipiranga.

<sup>9</sup> Há, como vimos, um caso de aluno que não se refere a D. Pedro, mas a Pedro Álvares Cabral, e há outros também que não sabem precisar se o autor da façanha teria sido D. Pedro I ou D. Pedro II. Há ainda casos de alunos que afirmam ter sido D. Pedro II. Seja como for, o que nos parece de relevo é o fato de atribuírem a autoria da independência a uma pessoa.

7

Além disso, nos parece haver outro aspecto importante a considerar que é a insistência na palavra "lembrar". Destaque-se que o enunciado da atividade não fazia qualquer referência a uma atitude de rememoração da forma como estudaram, mas pedia que contassem o que eles conhecem. No entanto, a insistência na lembrança parece remeter ao que provavelmente foi a habilidade mais exigida deles ao longo da escolaridade: a habilidade de "gravar", "lembrar", "decorar" o que o professor falava, o que o texto decretava. Isso nos revela algo, portanto, de como esses alunos concebem (graças a suas experiências escolares) a aprendizagem e o estudo da História.

Outro aspecto que nos impressiona é um mero detalhe do processo de independência que é, por via desses relatos, alçado à condição de conhecimento histórico relevante. É notável a frequência com que "as margens do Ipiranga" aparecem nesses relatos. Das seis respostas destacadas acima, três fazem referência às margens do Ipiranga dando a elas importância semelhante àquela dada ao personagem de Pedro. Não seria em vão nos perguntarmos de onde isso vem.

Vejamos algumas outras respostas, que parecem explicações um tanto mais completas:

*"Para o Brasil ter a sua Autonomia houve certos conflitos que fariam do país não mais dependente de seus colonizadores portugueses. Dom Pedro I foi quem lutou por essa independência, lutando pela pátria livre e conseguindo isso proclama a nação Brasileira." (Ca)*

*"A independência do Brasil foi liderada por Dom Pedro I que visava transformar o Brasil colônia, governado e obrigado a prestar contas do que acontecia para Portugal em um país que pudesse ser governado independentemente e com uma política que fosse mais favorável para a população brasileira, e que se encaixasse com as reais necessidades do país, e criando assim uma cultura e forma de governar mais baseada nos naturais brasileiros, principalmente os que já viviam aqui antes da colonização. A independência ocorreu no século XIX, mais precisamente em 22 de abril de 1822 quando Dom Pedro I gritou às margens do rio Ipiranga: 'Independência ou morte!'." (Na)*

*"Sinceramente, não me lembro de muita coisa, pois as vezes que estudei esse assunto, foram na 4ª série e na 8ª série. Sei que Dom Pedro I declarou a independência do Brasil, as margens do rio ipiranga, gritando a famosa frase "independência ou morte!". Quando a família real, retorna a Portugal, Dom Pedro I é declarado imperador do Brasil quando criança, e era orientado por um tipo de 'secretário'. Quando adulto Dom Pedro I estava sendo pressionado por Portugal e teria que tomar alguma atitude, e por fim corta relações com Portugal. Posso estar trocando as histórias, mas isso é o que me lembro vagamente." (AP)*

As respostas de Ca, Na e AP reservam um lugar bastante especial para Dom Pedro. Nessas respostas há a descrição de um ato heroico em toda a sua plenitude. Mesmo que Ca não destaque a cena às margens do Ipiranga, ela declara que Dom Pedro "foi quem lutou por essa independência", "pátria livre", atribuindo a ele, devido à forma como escreveu, certa exclusividade nesse papel. Já Na se refere diretamente ao ocorrido às margens do Ipiranga, mesmo confundindo dia e mês com as datas do Descobrimento. Aliás, essa confusão com as datas parece revelar ainda outros aspectos da representação sobre a Independência. Seja como for, Dom Pedro é tido como o herói que garante que o país pudesse ser "governado independentemente e com uma política mais favorável para a população brasileira", atenta "às reais necessidades do país" e de certa forma até voltada para uma certa justiça social em relação aos habitantes que "já viviam aqui antes da colonização". AP em alguns momentos confunde Dom Pedro I com Dom Pedro II. Mesmo assim, a narrativa é toda focada na figura individual que, respondendo a necessidades históricas, torna o Brasil independente.

O que mais chama a atenção nesse conjunto de respostas, porém, é que vemos sendo reconstruída diante de nós, leitores, com palavras, a tela *Independência ou Morte!*, de Pedro Américo. Os elementos da tela estão todos nessas respostas dos alunos: desde o heroísmo destemido de Dom Pedro até as "margens do Ipiranga". Em termos quantitativos, dos 34 alunos que redigiram suas respostas àquela questão, 23 referiram-se explicitamente às margens do rio Ipiranga. Uma dessas referências explicitou como fonte o hino nacional; as demais, não. Dos mesmos 34 alunos, 15 usaram a expressão "Independência ou morte!", título da tela de Pedro Américo. Há ainda a percepção de que aquele acontecimento da declaração de independência é, em si, a própria independência: os alunos não revelam a percepção ou o conhecimento de um *processo histórico*.

No entanto, quando todos os mesmos 34 alunos, na mesma aula, foram apresentados a uma outra atividade na qual se deparavam com a reprodução da tela *Independência ou Morte!*, cinco deles declararam não conhecê-la e outros dois declararam que não conheciam, mas que a imagem era a eles estranhamente familiar. Há, portanto, sete alunos que têm como imagem consolidada da independência a tela de Pedro Américo (em termos do que escrevem como tendo sido a independência do Brasil), mas que não reconhecem a tela em si ao serem apresentados a ela. Isso nos leva a crer que há um imaginário social estabelecido em torno da



9  
independência, construído a partir da pintura de Pedro Américo, mas que em certo sentido já independe dela.

Os alunos foram então perguntados: "Você conhece a pintura reproduzida abaixo? Se sim, conhece-a porque a estudou na escola? Se sim, descreva como foi esse estudo." e "Como você apresentaria essa imagem a um estudante que não a conhece?". A grande maioria dos alunos apresentaria a tela de Pedro Américo como sendo a imagem (no sentido de "o retrato" fiel) da independência: 21 alunos fizeram menção a essa característica. Três respostas apontam que a tela de Pedro Américo é uma versão da história, seu ponto de vista ou interpretação. Um exemplo dessas é a resposta escrita por Go:

*"Sim, eu conheço porque estudei na escola, mas especificamente na semana retrasada. Em sala de aula tivemos uma exposição de diversas imagens, como esse quadro do Pedro Américo, retratado anos depois da independência, ou seja, é completamente uma visão do pintor sobre a história." (Go)*

Quatro respostas resvalam em declarar ser a tela de Pedro Américo uma imagem da independência criada para "esconder a verdade" ou uma "falsificação da verdade". A própria Go caminha para esse lado ao registrar, mais abaixo que:

*"Diria que esse quadro feito por Pedro Américo retrata o momento histórico que chamamos de: o grito de independência ou morte dado por Dom Pedro II ao que deveriam ser às margens do Rio Ipiranga. Esclareceria também que essa não é uma reprodução verídica da cena, pois alguns historiadores acreditam que Dom Pedro nem se quer pôde comparecer neste dia." (Go)*

Ou mesmo esta:

*"Apresentaria como uma falsificação da verdade histórica porque estão todos bem vestidos, cavalos bonitos, D. Pedro no centro como um herói e na realidade não foi assim que aconteceu." (Ma)*

Outras quatro respostas destacam que a pintura de Pedro Américo é uma representação heroica dos acontecimentos e outras três lêem a imagem como a representação de uma cena de batalha:

*"Nela a figura principal é D. Pedro II declarando a independência, atrás dele grupos de apoio e logo abaixo podem ter grupos rebeldes que se opunham à ideia de separação da Colônia." (sem nome)*

"O quadro descreve a proclamação da independência. Em que pode-se observar duas tropas, aparentemente inimigas." (Fe)

"É o momento em que Dom Pedro I com outros brasileiros vão a luta para a independência nacional. Com a espada apontando para cima Dom Pedro I mostra-se disposto a lutar e morrer pelo Brasil." (Ca)

É muito interessante que esses alunos assim se apropriem dessa tela, já que como demonstrou Maria Lígia Coelho Prado (2007; 156-157), *Independência ou Morte!* é uma tela que, à moda do que era de praxe fazer na arte acadêmica do século XIX, fazia uma explícita citação da pintura *A Batalha de Friedland*, de Ernest Meissonier, obra que Pedro Américo chegou mesmo a ser acusado de plagiar. O que chama a atenção nas respostas dos alunos é que, como o próprio título diz, essa tela de Meissonier que inspirou *Independência ou Morte!* de Pedro Américo era, ela sim, a representação de uma batalha.

Quando apresentados, nesta mesma atividade à reprodução da tela de François-René Moreaux, *Proclamação da Independência*, temos um resultado significativamente diverso. Primeiramente, cabe destacar que, diante da pergunta "E esta outra imagem, você conhece? Apresente-a a um estudante que a desconhece", 19 alunos declararam explicitamente não conhecer a tela, enquanto apenas 2 disseram conhecê-la.

Para apresentá-la a alguém que não a conhece, onze alunos declararam que a imagem mostra uma situação imediatamente após a conquista da independência, e sete destacaram a aclamação popular a Dom Pedro:

"Não há conheço. Porém se fosse apresentar diria que este momento representa talvez o momento em que Don Pedro estaria sendo aclamado pelo povo logo após ter proclamado a independência." (Er)

"(Não sei se me lembro muito bem). A imagem é uma comemoração após a vitória entre o conflito a busca da independência brasileira. Dom Pedro I aparece agora com o chapéu levantado, dando a impressão de liberdade e cumprimento. Felicitando o ocorrido, como uma grande festa, onde toda a sociedade brasileira participava comemorando a sua 'liberdade'." (Ca)

"Também representa a proclamação da independência, porém aparenta ser um momento depois, parece que eles erguem os chapéus, numa saudação, como se fosse uma comemoração. Eu não conheço o quadro, então a interpretação pode estar completamente errada, mas é o que consegui deduzir." (Io)

11

*"Não a conheço! Ao centro do quadro observamos o D. Pedro I provavelmente na volta a cidade sendo aclamado pela população." (Mr)*

Trata-se de uma apropriação da imagem que a coloca no lugar de uma representação que eles percebem como "provavelmente mais próxima da realidade" (dois alunos trouxeram essa interpretação)<sup>10</sup>:

*"Representação artística da independência no Brasil feita por François-René Moreaux<sup>11</sup>, essa representação se aproximava mais da realidade se comparada à de Pedro Américo." (Fr)*

E um outro aluno ainda declarou que esta seria uma representação de caráter notadamente elitista:

*"Neste quadro é possível observar que a Independência no Brasil aconteceu somente para os brancos, pois não vemos nenhum índio ou negro comemorando com o resto do Brasil." (Di)*

Dois outros destacaram que esta cena representaria a chegada de uma batalha (provavelmente a batalha travada em *Independência ou Morte!*) e outros sete destacaram que esta seria uma outra representação do momento da proclamação da independência. Uma resposta de análise da tela de Moreaux nos chamou em particular a atenção. Esta era, como descrevemos, a quarta situação em que os alunos eram chamados a escrever sobre a independência. Nas três oportunidades anteriores houve uma aluna que se referiu a Dom Pedro I como Pedro Álvares Cabral<sup>12</sup>. Nesta quarta oportunidade, porém, sem ter corrigido

---

<sup>10</sup> Percepção que de certa forma é contraditória em relação à análise efetuada por Lilia Schwarcz em "Reino da Imaginação" (2009).

<sup>11</sup> Como nota de rodapé ao enunciado da questão, os alunos contavam com a seguinte afirmação: "O título desta imagem é Proclamação da Independência. Ela é de autoria de François-René Moreaux e tem 2,44m X 3,83m. Foi concluída em 1844 e está no Museu Imperial de Petrópolis." Alguns alunos evidentemente utilizaram essas informações para construírem suas respostas. A maioria não o fez. Havia nota de rodapé semelhante ao quadro de Pedro Américo.

<sup>12</sup> Nas outras oportunidades, Ra registrou: "Estudei na escola porém num período curto. Lembro que a professora contou muito resumidamente que Pedro Álvares, foi o homem que no meio de tantos outros homens em guerra, tomou a coragem e disse "Independência ou Morte permitindo uma escolha antes de fazer qualquer outra coisa. ATENÇÃO: sei que está confuso, porém está confuso ainda mais na minha cabeça, não lembro dos fatos como deveria lembrar por já tê-los estudados." e, ainda sobre a tela de Pedro Américo: "Uma pintura que mostra o dia que Pedro Avars Cabral declara Independência ou Morte no meio de um campo entre vários cavaleiros montados em seus cavalos com espadas em mãos apontando em direção a Pedro Alvares, os cavaleiros possuíam outros tipos de armas na cinturas assim como Pedro A. Cabral O posicionamento de Pedro A. Cabral indica que ele seja um lider, pois está na frente de seus aliados, e no momento que vai fazer o berro de

12

nenhuma das oportunidades anteriores (como alguém que se dá conta de um equívoco e vai corrigi-lo), a aluna dá crédito a outro sujeito histórico:

*"Conheço, posso apresentar o único problema é que não tenho certeza da minha apresentação. No meio de uma rua entre várias pessoas, Dom Pedro I proclama alguma coisa que eu não lembro, ele está sendo prestigiado pelo povo da cidade pois os defendias sempre. Ao chegar de Portugal ele logo foi se interessando pelos assuntos que relacionavam as pessoas mais pobres da cidade, por isso que quando proclama a independência é tão reconhecido, na imagem é possível dizer que todos são gratos a eles, já que ele os libertou de uma certa escravidão vivida nessa época." (Ra)*

A resposta registrada por Ra - assim como o conjunto de textos que escreveu ao longo das duas atividades - é por demais rica em possibilidades de análise. Nesta, por exemplo, chama a atenção o fato de que em um determinado momento do texto ela não se lembra do que Dom Pedro proclamou; em seguida, registra que proclamou a independência. De qualquer forma, Ra parece traduzir duas questões que são de suma importância para a nossa abordagem das representações dos estudantes sobre a independência.

O primeiro aspecto de relevo a salientar é o fato de que a aluna procede, na oportunidade em que desvia seu olhar da tela de Pedro Américo para a de Moreaux a uma troca importante do sujeito histórico que vê representado. Não se trata de sublinharmos aqui que quando aborda a *Proclamação da Independência* a aluna atribui a ação ao sujeito histórico correto, enquanto quando aborda *Independência ou Morte!* trata de Pedro Álvares Cabral. Isto seria uma questão para um outro trabalho. Mas o que parece digno de nota é o fato de que ao entrar em contato com uma representação (que é também uma *versão*) alternativa da declaração de independência, a aluna parece intrinsecamente questionar a sua própria percepção - e talvez seu próprio conhecimento sobre a independência do Brasil. Cabe lembrarmos que esta mesma aluna registrou, na primeira oportunidade (quando a atividade era contar como ela sabia que havia se dado a independência), que *"a única coisa que lembro e seria vergonhoso não saber é que no dia 7 de Setembro de algum ano, Pedro A. Cabral proclamou indepência ou morte entre as margens do rio Ipiranga."* Quando se depara com a obra de Moreaux, se permite pensar em outras questões, tais como a participação popular, a

---

Independência ou Morte levanta sua espada em direção aos "inimigos". Era dia e todos estavam cercados por terras e matos, entre esses matos havia pessoas observando o que se passava, de fundo de todo esse cenário havia uma casinha com características humildes."

13

necessidade de Dom Pedro levar em conta os anseios populares, o fato de que o poder de Dom Pedro deriva do prestígio e da aclamação popular etc. Note-se que desaparece também a referência necessária às margens do Ipiranga.

Essas mudanças nos parecem importantes porque talvez indiquem um bom caminho para a orientação de atividades didáticas envolvendo o estudo da independência e preocupadas com aprendizagens significativas. Se entrar em contato com duas representações diferentes do mesmo acontecimento já permitiu fazer com que alguns alunos se apropriassem de certa ousadia intelectual para pensar na independência do Brasil, qual seria a potência de fazer com que eles entrassem também em contato com textos e representações plásticas das independências dos demais países latino-americanos? Se "a abordagem da História Comparada pode indicar a existência de um problema inadvertido diante de fenômenos aceitos como naturais e que aparentavam não necessitar de explicação" (PRADO, 2007: pp. 149 - 150), quais seriam as potencialidades de um trabalho na perspectiva da História Comparada na escola? Como um trabalho como este poderia redundar em aprendizagens significativas (dado que poderia chamar a atenção intelectual dos alunos para observarem questões que de outra forma não observariam) para os alunos brasileiros?

O outro aspecto que a resposta de Ra nos permite sublinhar é sua narratividade. Acreditamos que a narratividade *dessas* telas de pintura de História guardam relação com a força como penetram no imaginário social. Há, tanto na tela de Pedro Américo quanto na tela de François-René Moreaux uma narratividade grandiloquente vinculada à própria história nacional. Atribuir sentido é também criar narrativas que organizam nosso conhecimento.

## Bibliografia

- AISENBERG, Beatriz. "Los conocimientos previos en situaciones de enseñanza de las Ciencias Sociales" in CASTORINA, José Antonio e LENZI, Alicia M. *La Formación de los Conocimientos Sociales en los Niños. Investigaciones psicológicas y perspectivas educativas*. Barcelona, Gedisa, 2000, pp. 225-252.
- ASSMANN, Aleida. "Canon and Archive" in ERLI, Astrid e NÜNNING, Ansgar (eds.). *Cultural Memory Studies - an international and interdisciplinary handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2008. pp. 97 - 107.
- \_\_\_\_\_. *Espaços da Recordação - formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.
- ASSMANN, Jan. "Collective Memory and Cultural Identity" in *New German Critique*. Número 65. Cultural History / Cultural Studies (Spring - Summer, 1995), pp. 125 - 133.
- BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social" in ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. Volume 5. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, pp. 296 - 330
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. "Identidades e ensino de história no Brasil" in CARRETERO, Mario, GONZÁLEZ, María Fernanda e ROSA, Alberto (orgs.). *Ensino da História e Memória Coletiva*. Porto Alegre, Artmed, 2007, pp. 33 - 52.
- BURKE, Peter. "História como Memória Social" in *Varietades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. pp. 67-89.
- CARRETERO, Mario; GONZÁLEZ, María Fernanda e ROSA, Alberto (orgs.). *Ensino da História e Memória Coletiva*. Porto Alegre, Artmed, 2007.
- CARRETERO, Mario e KRIGER, Miriam. "A usina da pátria e a mente dos alunos: um estudo sobre as representações das efemérides escolares argentinas" in CARRETERO, Mario, GONZÁLEZ, María Fernanda e ROSA, Alberto (orgs.). *Ensino da História e Memória Coletiva*. Porto Alegre, Artmed, 2007, pp. 147 - 166.
- CARVALHO, José Murilo de. "E D. João resolve... ficar!" in *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 3, número 32. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, maio de 2008.
- COLI, Jorge. "Introdução à pintura de História" in *Anais do Museu Histórico Nacional - História e Patrimônio*. Volume 39, p. 1-536. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2007, pp. 49 - 58.
- \_\_\_\_\_. "A Primeira Missa no Brasil, de Vítor Meirelles" in *Revista Nossa História*. Ano 1, número 1. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, novembro de 2003.
- \_\_\_\_\_. "Primeira Missa e invenção da descoberta" in NOVAES, Adauto (org.). *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 107 - 121.
- HOBSBAWM, Eric J. *Sobre História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 243 - 255.
- JANCSÓ, István. *Na Bahia, Contra o Império. História do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo / Salvador, Hucitec / Edufba, 1996.

15

- KANTOR, Íris. "Mapas em Trânsito: projeções cartográficas e processo de emancipação política do Brasil (1779-1822)" in *Araucaria - Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades*. Ano 12, número 24, 2010. pp. 110 - 123.
- \_\_\_\_\_. "Usos diplomáticos da Ilha-Brasil" in *Revista Varia Historia*. Volume 23, número 37. Belo Horizonte: jan/jun de 2007. pp. 70 - 80.
- LIMA, Maria. "A expressão linguística dos saberes: aspectos da relação entre a aprendizagem da língua escrita e o desenvolvimento da consciência histórica" in GONTIJO, Rebeca, MAGALHÃES, Marcelo e ROCHA, Helenice (orgs.). *A Escrita da História Escolar - memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, pp 213-234.
- MATTOS, Cláudia Valladão de & OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles (orgs.). *O Brado do Ipiranga*. São Paulo, Edusp/Imprensa Oficial, 1999, pp. 79 - 117.
- POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio" in *Estudos Históricos*. Volume 2, número 3. Rio de Janeiro, 1989. pp. 3-15
- PRADO, Maria Lígia Coelho. "Política e nação na pintura histórica de Pedro Américo e Juan Manuel Blanes" in *Anais do Museu Histórico Nacional - História e Patrimônio*. Volume 39, p. 1-536. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2007, pp. 147 - 166.
- RICOEUR, Paul. "É preciso reencontrar a incerteza da história" (entrevista) in: *Humboldt*. Número 79. Inter Naciones, 1999, pp. 2 - 5.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. "História e imagem: um exercício e uma questão de método" in *Revista Tempo Brasileiro*. Volume 180. São Paulo, 2010. pp. 15 - 32.
- STAROBINSKI, Jean. *1789 Os Emblemas da Razão*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

- 
- FARIA, R., MIRANDA, M. e CAMPOS, H.. Coleção *Estudos de História*. Volume 2, 2º ano do Ensino Médio. São Paulo, FTD, 2010.
- FERREIRA, J. e FERNANDES, L. Coleção *Nova História Integrada*. Volume 2, 2º ano do Ensino Médio. Curitiba, Módulo, 2010.
- MORENO, J. e VIEIRA, S.. Coleção *História: cultura e sociedade*. Volume 3, 3º ano do Ensino Médio. Curitiba, Positivo, 2011.
- NOGUEIRA, F., CAPELLARI, M. (org.). Coleção *Ser Protagonista*. Volume 2, 2º ano do Ensino Médio. São Paulo, SM, 2010.
- PEDRO, A. e LIMA, L. Coleção *História Sempre Presente*. Volume 2, 2º ano do Ensino Médio. São Paulo, FTD, 2010.
- PELLEGRINI, M., DIAS, A. e GRINBERG, K. Coleção *Novo Olhar História*. Volume 2, 2º ano do Ensino Médio. São Paulo, FTD, 2010.
- VAINFAS, R., FARIA, S., FERREIRA, J. e SANTOS, G. Coleção *História*. Volume 2, 2º ano do Ensino Médio. São Paulo, Saraiva, 2010.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

16

VICENTINO, C. e DORIGO, G. Coleção *História Geral e do Brasil*. Volume 2, 2º ano do Ensino Médio. São Paulo, Scipione, 2011.